

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

TELEFONES

Ainda não está designado o dia em que será solenemente inaugurada a rede telefónica de Guimarães, que será visitada nessa ocasião pelo Sr. Presidente da República e Governador da Ditadura, segundo consta.

São grandes os prejuízos que ao Comércio está a causar a demora na abertura deste importante melhoramento.

Mas é preciso notar que não basta, para que a cidade de Guimarães se julgue satisfeita, que se estabeleça a ligação telefónica urbana.

Importa essencialmente que as nossas comunicações com os grandes centros do País, em especial com Lisboa e Porto, deixem de estar permanentemente submetidas a intermináveis compassos de espera, obrigando-nos muitas vezes, depois de horas de vã esperança de uma ligação, a desistir da chamada, porque já está passada a oportunidade do assunto a tratar.

Este grave inconveniente remedeia-se com o estabelecimento de uma linha directa ao Porto, conforme ficou estabelecido quando das negociações da rede de Guimarães.

A Câmara a que presidia o Ex.^{mo} Sr. Dr. Mariano Felgueiras obteve o empréstimo para a montagem telefónica, incluindo a linha até Santo Tirso. Não nos consta que esta disposição fôsse alterada.

Resta pois, apenas, o seguimento dessa linha de Santo Tirso até ao Porto e teremos uma ligação directa para os três concelhos de Guimarães, Fafe e Santo Tirso. Parece que não será necessário apregoar as grandes vantagens desta linha. Teem por isso a palavra as entidades oficiais e forças vivas destes três importantes centros, para que sem demora resolvam como lhes cabe o assunto e removam todas as dificuldades. Vamos a isto?

COISAS E LOISAS OS REGATÕES

(Retardado na Redacção)

E' consolador verificar a reacção que por toda a parte se vai produzindo contra as ridiculas secreções políticas de certos cérebros, que se comprazem em desenterrar das brumas do passado teorias inadapáveis às actuais necessidades e aspirações humanas. Espartilhados na libré feudal, cuja gola lhes vai até à moleirinha, estes pedantes da política, múmias — quem sabe? — dos misereros servos medievais, a que um milagre da mesa de pé de galo desse fala, cataram em velhos pergaminhos umas quantas lóas e esbofaram-se agora a prégá-las ao vulgo, como sendo a última revelação dos deuses, uma espécie de policia sinaleira indispensável ao bom andamento da caranguejola social, nesta estrada cheia de barrancos que é o mundo. E vai o seu desplante até ao abuso, até ao impudor de se servirem dos cargos oficiais que a República lhes confiou, da sua cátedra, por exemplo, para vender o seu peixe, cantar as sua lóas, desenvolver os seus pontos de vista políticos, que estão em flagrante antagonismo com os princípios republicanos que nos regem, com o espírito democrático a que a Nação foi sempre afeiçoada. E medraram, os cassapos, insensíveis ao ridículo em que chafurdavam, mercê da cobardia colectiva, deste torpôr mental em que nos lançaram as misérias e os egoísmos que a guerra fez emergir, e que em Portugal, graças à percentagem de analfabetos, atingiram o máximo. E medraram, a ponto de lhes passar pelas cabeças chochas a peregrina ambição de fazer escola, uma escola em que pontificaria Maurras acolitado pelo famigerado Nemo, o da excomungada "Epoca",!

Que bambochata...!

A reacção contra estas absurdas teorias políticas vai-se manifestando, grato nos sendo registá-lo. Dia a dia se avoluma o número dos que à causa da Liberdade, que é a causa da Humanidade, veem dar o seu entusiasmo rubro, a sua fé ilimitada. Atendendo, apenas, ao que entre nós se passa, fácil se nos torna verificar a verdade do que fica dito, para isso bastando atentar no ardor com que a mocidade se dá à defesa das ideias liberais. Nos principais centros escolares do país fundam-se órgãos republicanos orientados e sustentados pelo espírito desempoeirado dos novos paladinos da Democracia. Daqui os saudamos, crentes na eficácia do seu esforço, confiados na vitória que a sua altivez lhes assegura, certos de que as tradições liberais da nossa gente neles terão os defensores audazes e os mantenedores fieis de que são dignos.

* * *

Maurras caiu no descrédito. No estrangeiro, Maurras não vale um caracol. Os seus elixires políticos são postos de banda, por aqueles mesmo que ainda há pouco lhe cantavam hossanas. Que dirão a isto os nossos talentosos e originais cassapos? Outro patriarca, outro patrão, que este deu em droga.

* * *

E esta...! O sr. Mussolini não se fez rei da Itália por não lhe correrem propícios os fados e só por isso. E' o que diz o "Daily Herald". E esta?... Mas, então, o rei... Todo aquele vivório ao rei, toda aquela lealdade, aquela fidelidade ao trôno, tudo isso era para inglês vêr? Bem o temos dito nós: os reis, mesmo os dos baralhos de cartas, são simples símbolos. Depois, o caso já não era novo. Nihil novum... Os cesares eram useiros e veseiros nessas coisas, e os cesares eram romanos. Não justifica, dirá o fóssil do "Ecos"; mas explica, diremos nós.

* * *

Estamos em pleno Carnaval, à hora em que escrevemos. Alguns parvotês vestidos de trapos sujos, correm as ruas do burgo, decerto, em procura do senso comum. Os palavrões indecorosos fazem rir a creançada e inchar de gôso o adulto boçal. Só por isto, por esta lição de imoralidade, somos de opinião que o Carnaval deve ser banido dos costumes. Entre a alegria e a pandega vai a diferença que do homem vai para a bêsta. E isso que aí anda em arremedos de alegria é uma chulice bestial.

* * *

Não largaremos o assunto de que temos tratado sobre o preço do milho, enquanto não soubermos que os deshumanos regatões continuam senhores duma liberdade que há muito lhes devia ter sido proibida. Infelizmente, não é só em Guimarães que se fazem sentir as consequências destes malfazejos, que não nos cansaremos de o dizer, são os maiores criminosos da humanidade, pois não respeitam o direito à vida que os pobres também tem! Pouco nos importa que nos chamem baixos democraticos pelo facto de condenarmos a desmedida ganância de tão baixas e tão repugnantes criaturas. Se o remédio para este mal estivesse nas nossas mãos, já alguns estariam na cadeia.

E' um abuso que não pode tolerar-se, uma vez que a miséria se alastra — mais do que nunca — no lar de tantos desgraçados e de tantos infelizes! Por isso, mais uma vez pedimos a intervenção da Autoridade neste assunto, cuja demora o torna de cada vez mais grave. Da nossa parte, não deixaremos de protestar contra o procedimento inqualificável dos tais regatões.

Interesses de Guimarães

Ouvimos dizer que a nossa terra vai continuar a ter aquilo a que tem direito e que injustamente lhe havia sido tirado pelo Governo da Ditadura.

Por enquanto, é só isto, quere dizer, apenas o prometimento duma reparação que há muito devia ter sido feita.

Repiques de sinos e telegramas são as nossas informações mais seguras, sem duvidarmos, é claro, das boas intenções e muita vontade do senhor Presidente da Comissão Administrativa da Câmara.

Todavia, estamos como *Mafôma*: — Ver para crer.

Sempre que temos falado em defesa de Guimarães, temos dito — por várias vezes — que não queremos uma esmola do Governo, mas sim a restituição do que tínhamos, que não era de mais.

E para confirmação de tudo o que temos dito no nosso Jornal, passamos a transcrever do "Jornal de Notícias", o seguinte: — A cidade de Guimarães que

para se impôr e progredir apenas lhe tem bastado o esforço de seus filhos; a cidade de Guimarães, de tradições bizarras e cavalleirescas com que sempre se tem nobilitado pelos séculos fora, prepara-se para receber com galhardia os snrs. Presidente da República e Ministros da Instrução, Agricultura e Guerra. Sem ter recebido do Estado grandes favores, Guimarães vem confiando na sua vontade, na grande força da sua vontade, e por isso é hoje aquela cidade e concelho o centro mais industrial do Minho. As suas contribuições paga-as a tempo, mas o Estado não se lembra desta terra! Tudo o que tem, a si o deve; mas tudo o que pede lhe tem sido negado. Pois bem: é preciso que da visita do Chefe de Estado e dos Ministros, alguma coisa resulte de bom e de proteccionista para aquela laboriosa população. A cidade de Guimarães necessita duma reparação dada pelo sur. Ministro da Guerra. Tinha ali a sua sede um velho regimento do Minho — o de Infantaria 20: os rapazes do 20 de Guimarães souberam honrar a sua farda em Africa e França e foi aquele regimento um dos mais notáveis da história militar do norte. Porque privar a cidade desse regimento? Porque não lhe dar uma outra unidade que continue aquela história? Os concelhos de Cabeceiras, Celorico, Mondim, Fafe e Felgueiras não teriam interesse em ver os seus mancebos em Guimarães, ficando, portanto, perto das suas terras?

Não precisa essa cidade de parasitar, porque elementos tem ela de sobra para vencer e progredir.

Não precisa ela da sombra do Estado para triunfar, caminhando sempre. O que necessita é daquilo a que tem direito e que os braços de seus filhos não lhe podem dar. Guimarães tem feito o que pode e bem. Que o Terreiro do Paço lhe estenda agora a mão. A honra é toda para o Governo, estendendo a mão a quem trabalha e produz!

*

O mesmo artigo fala da reelevação a Central do nosso Liceu, onde há professores distintos, e também da criação do Ensino Agrícola, etc. Consola-nos a transcrição dos períodos acima citados, visto que alguém, que não é de Guimarães, faz justiça aos nossos direitos. Defendê-los, é o nosso dever, e se a razão que nos assiste ainda não fôr atendida desta vez, adiante virá quem nos faça a Justiça devida.

A miséria

Terra a nenhum fruto em fim disposta
Padecendo de tudo extrema inopia.

(Lus., V, 6.)

Aqueles que tem sempre o seu fogão acêso, a sua mesa farta e cheia, a sua família bem vestida e bem trajada, com ricos carros, automóveis para matar a monotonia do tempo, fumando charutos caros para apreciarem no espiral do seu fumo, como se queima dinheiro que está fazendo falta noutros lares, não pensam sequer por momentos, que enquanto eles estão rodeados de todo o conforto e comodidades, outros que tem tanto direito à vida como eles — felizes da sorte — jazem dentro duma alcova, húmida e imunda, o lar apagado, uma paliçada de táboas velhas e com carcoma, cobertas duma palha fedorenta e pódre que lhes serve de leito, e que se aconchegam ali para aquele canto, como qualquer cão faminto e sem dono.

Esses senhores que só pensam em festas no palácio de Vila Pouca, e que ainda não amorteceram os ecos da última e já estão preparando a próxima, devem-se lembrar que dentro dos muros da cidade de Guimarães, há muita miséria e muita fome.

Escusam de ir mais longe, desçam ao bairro onde está instalada a indústria de cortumes, e vejam o quadro desolador dos que por ali permanecem, impossibilitados de ganhar o suficiente para comprar um bocado de pão, com que possam matar a fome a si e aos seus, pelos trabalhos daquela indústria estarem presentemente paralisados.

Mas não são só estes os infelizes da sorte.

As mulheres e os homens que se empregam na indústria têxtil, a ganharem diariamente uma ridícula, enquanto há *mónos* nessas fábricas, a quem se lhes paga *seiscentos escudos diários*, pelo simples trabalho de conduzirem um lenço tabaqueiro, para seu uso próprio, são outros tantos quadros tristes a apontar.

Os farrapos humanos com figura de mulheres, que todos nós vemos arrastar-se diariamente por esse Toural, são outros quadros misérrimos dignos de dó e piedade.

Mas ninguém quer saber disto para nada. O que se quer é fórróbó. Cantar e dançar, sem se importarem que três partes da povoação da cidade, se debata na maior das misérias, do que não há memória na história dos nossos dias.

E blasonamo-nos de civilizados l. . .

Sim, civilizados, mas é moda dos que dizem: *Coronemus nos rosis antequam marcessant.*

X.

Aluga-se

a Fábrica de Cortumes loja de Surradores com tôdas as suas pertencas.

Para tratar: Rua Trindade Coelho — N.º 100.

Exageros fiscais

Um protesto da comissão distrital da U. I. E. do Porto contra o procedimento da repartição de Finanças de Guimarães

A repartição de Finanças de Guimarães está levantando protestos. Esses protestos concretizou-os a comissão distrital da U. I. E. do Porto numa representação, dirigida ao sr. ministro das Finanças, secundando a que, no mesmo sentido, foi elaborada pela Associação Comercial e Industrial daquela cidade.

Nessa representação, diz a comissão distrital da U. I. E. do Porto:

«Estão-se levantando autos, desde 1922 para cá, o que nos faz conjecturar que, muito propositadamente se deixam avolumar essas supostas transgressões, deixando igualmente, passar muitos anos sobre elas, para só agora serem acusadas o que se não compreende e denota apenas ou falta de competência ou incuria do pessoal encarregado da fiscalização. Daqui resulta que os contribuintes são apanhados nas malhas desta mal urdida rede pelos ditos fiscais dos impostos e seus associados, e compelidos ao pagamento de multas, que se elevam a dezenas de milhares de escudos e que representam para muitos a sua completa ruína»

A representação cita o exemplo do auto instaurado á Companhia dos Banhos de Vizela, que foi condenada a pagar a multa de 52.120\$95, por ter declarado que apenas tinha ao seu serviço seis empregados, quando, segundo se diz nos autos, tem mais três membros do conselho fiscal, um guarda-livros, um maquinista, onze banheiros, uma empregada de rouparia e quatro médicos.

Demonstra-se na representação, que os membros do conselho fiscal não são indicadores, para efeitos de imposto, porque não são empregados da Companhia nem recebem remuneração. O guarda-livros não é da Companhia, sendo-o de outra firma comercial, e apenas fazendo a escrita daquela, nas horas vagas. Quanto ao suposto maquinista, aos banheiros e á empregada da rouparia, são simples assalariados vencendo fêrias semanais, não sendo, também considerados indicadores. Por sua vez, os médicos são de nomeação do Governo, não lhes pagando a Companhia, nem os tendo ao seu serviço, pelo que não são seus empregados.

A representação conclui pedindo que a fiscalização seja feita dentro do ano económico, lamentando que cada secretario de Finanças tenha um critério seu sobre a legislação tributaria. Essa divergencia de criterios traz prejuizos, que a representação frisa nestes termos:

«O prejuizo é tanto mais evidente para a cidade de Guimarães quanto é certo que, se rápidas providencias não forem tomadas, muitas firmas daquela cidade deslocam as suas sedes para outras cidades, por não quererem sujeitar-se ás exigencias e vexames do fisco da repartição de Finanças de Guimarães».

(De «O Século».)

*

São justissimas as palavras que gostosamente transcrevemos.

Parece que sopra um vento de insânia ou de perseguição sistemática ás empresas de Guimarães.

Sociedades particulares teem sido autoadas em muitas centenas de escudos, e as Empresas de Vizela e Taipas não conseguem apurar dinheiro para o pagamento das multas e alcavalas de contribuições que há tempos lhe veem sendo exigidas constantemente na Repartição de Finanças.

Mário Menezes

Este nosso querido amigo, distinctissimo professor e indefectível republicano foi há dias vitima de um infame insulto, que todas as pessoas de bem que conhecem o caracter íntegro e nobre de Sua Ex.^a repudiaram.

A nota que publicamos faz justiça ás qualidades do Sr. Mário Menezes. Entendemos porém que não basta o reconhecimento da falta. Impõe-se o castigo, para exemplo de muitos que só estão bem anavalhando os caracteres de relêvo.

Pela Polícia

Ex.^{mo} Sr. Mário de Souza Menezes.

A Parauta, serviço do Sr. Bernardino Barroso, contra a qual V. Ex.^a apresentou uma queixa, no dia 17 p. p., foi interrogada por mim e declarou o seguinte:

Que foi impensadamente que cometeu a falta que deu origem à queixa de V. Ex.^a, pois considero-o um homem de bem.

Depois de devidamente admoestada, confessou que estava arrependida do que tinha feito e que pediria desculpa a V. Ex.^a.

Guimarães, 20 de Fevereiro de 1929.

O Chefe do Destacamento,

a) António do Nascimento Gonçalves.

António de Almeida

Decorreu imponente e na melhor ordem, o banquete de homenagem que a Associação dos Empregados do Comercio ofereceu no passado dia 20, ao seu antigo presidente da Direcção, nosso presadissimo amigo e prestante correligionário, sr. António de Almeida.

A assistencia foi numerosa e distinta, trocando-se amistosos brindes em que se fizeram afirmações de fé nos prósperos destinos desta florescente colectividade.

Associamo-nos a tam justa homenagem e desejamos-lhe uma feliz viagem.

Convite

Convidam-se todos os proprietários de fábricas de serração de madeiras existentes neste concelho e bem assim os de fábricas de cortumes a comparecer na extinta Administração hoje Secção Administrativa, para, no caso que queiram, encarregar-se de fazer grandes quantidades de caixotes para transportar fruta e curtir peles em grande quantidade, pedido feito ao nosso Governo pelo Sr. Consul de Uruguai, cujos nomes dos que aceitarem, serão enviados ao Ilustre Consul.

Guimarães. 14 de Fevereiro de 1929.

Pelo Administrador do Concelho o Vice-Presidente da C. A. da Camara
Duarte Amaral Pinto e Freitas.

Já bastam as dificuldades enormes que atravessa o nosso commercio e a nossa industria. E' necessário que deixem de ser perseguidas sistematicamente e se dispense a indispensável protecção ás nossas tão abandonadas dos poderes públicos e tão lindas terras de Vizela e Taipas.

Pedro Veiga

Afim de inspecionar as Escolas do concelho, tem estado nesta cidade este nosso amigo e valioso republicano. Esperamos que da missão de sua ex.^a que é um dos funcionários mais distintos da classe a que pertence, muito de útil resulte em beneficio da Instrução Popular, que bem carece de toda a protecção dos seus orientadores.

Mário Salgueiro

Deveras sensibilizado pela maneira carinhosa e gentil como foi aqui tratado, pelos seus numerosos amigos e correligionários, dirigiu este velho e intermerato jornalista, redactor principal do nosso colega lisbonense «O Povo», a seguinte carta ao nosso prestante correligionário, Sr. José d'Oliveira Guimarães:

Meu querido amigo

Esta carta é para agradecer-lhe muito reconhecido a maneira gentil e carinhosa como fui aí tratado. Não esquecerei mais as horas formosissimas que passei no convívio dos meus correligionários de Guimarães, pois poucas vezes me tem sido dado gozál-las assim.

Só a sua boa e generosa amizade poderia ter colocado à minha volta tão boa gente e tão dedicados republicanos.

Agradeço-lhe pois, meu querido amigo, pedindo-lhe que transmita as minhas palavras a todos êles, porque quero que êles soibam que não sou ingrato e sei reconhecer as gentilezas de que sou alvo.

Vai para todos, portanto, um grande abraço íntimo e amigo.

Para si, em especial, outro abraço muito graude do seu correligionário certo

Mário SALGUEIRO.

Sociedade Historica da Independencia de Portugal

Reuniu a Direcção da Delegação de Guimarães desta Sociedade, para trocar impressões sobre a elaboração do programa das festas a realizarem-se no dia 10 de Abril do corrente ano, aniversário da «Fundação de Portugal».

Entre assuntos meramente associativos foi lido um officio recebido da Sede Central comunicando que esta Delegação foi louvada em Assembleia Geral pelos esforços empregados na realização das festas do 1.º de Dezembro.

Nesta reunião foram propostos como novos sócios os ex.^{mos} snrs. Coronel Alcindo da Costa Machado, Padre João de Oliveira, paroco de Mesãozinho e Amadeo José de Almeida, professor da Escola Industrial.

CASA DAS GRAVATAS

Chapelaria, Camisaria e Gravataria.

Meias, piugas, suspensórios e ligas.

Sempre grandes novidades.

Dias & Carvalho, Limitada
Rua da Republica, 43 a 47 — GUIMARÃES

Associação de Classe dos Revendedores de Vinho a Retalho de Guimarães

A Associação de Classe dos Revendedores de Vinho a Retalho de Guimarães, em reunião da Assembleia Geral do dia 6 do corrente, elegeu por aclamação os seus Corpos Gerentes para o ano corrente da seguinte forma:

Assemblea Geral—Presidente, José António da Costa; Vice-Presidente, José Luís Ribeiro; 1.º Secretário, Manuel de Freitas; 1.º Secretário, Manuel Machado.

Direcção—Presidente, Manuel da Silva Leite, 1.º Secretário, António Martins Ribeiro da Silva; 2.º Secretário, Tomás Fernandes Guimarães; Tesoureiro, António Martins; Vogais, Domingos Lopes, António Diniz Arade e Francisco Pereira.

Dinheiro

Empresta-se sobre 1.ª hipoteca ou prédios rústicos, informa: Rua 31 de Janeiro 183 — Guimarães.

Rua Duque de Palmela 190 — Porto.

Doentes

Restabelecido das enfermidades que durante alguns dias os retiveram no leito, cumprimentamos os nossos presados amigos e prestantes correligionários Ex.^{mos} Snrs. Abel Cardoso, professor-director da Escola Industrial de Francisco de Holanda; Bernardino Jordão, industrial e Padre Antonio de Jesus Teixeira, tesoureiro da agencia nesta cidade da Caixa Geral de Depositos.

— Na sua casa de S. Clemente de Sande, tem estado bastante enfermo, o nosso presado amigo e dedicado correligionário sr. João de Campos Silva Pereira, abastado proprietário, naquela freguesia.

Ferro T para ramadas.

Arame alemão, garantido.

Não comprem sem confrontar preços na casa
PEDRO DE MOURA
Rua de D. João 1.º, 91.

De luto

Encontra-se por falecimento de uma tia de sua ex.^{ma} esposa, o nosso presadissimo amigo e valioso correligionário sr. António José Ribeiro, antigo vereador da Câmara Municipal e abastado proprietário na freguesia de Arões.

Espectaculo

Realiza-se hoje, no Teatro Gil Vicente um espectáculo pelo Grupo Dramático «Estrela Bracarense» que entre outros numeros, levará á scena a interessante opereta: «Irene» e um primoroso acto de variedades, desempenhado por distintos amadores da visinha cidade

Abrihantarã o espectáculo uma bem organizada orquestra, sob a direcção de um consagrado maestro.

Informam-nos que este Grupo Dramático, nada tem com outro de nome semelhante, que em tempos existiu na visinha cidade e de que faziam parte as *Vilacinhas*, artistas muito conhecidas nesta cidade e que muito em breve se apresentarão no nosso teatro.